Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 245

11 DE OUTUBRO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa. L. do Poço Novo, entrada pela travessa do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

Hermenigildo Capello e Roberto Ivens (Photographias de Fillon, composição e desenho de Christino)

CHRONICA OCCIDENTAL

Organisar uma festa qualquer em qualquer tempo é sempre uma das coisas mais difficeis que se podem tentar em Lisboa; organisar uma festa especialissima em pleno verão é a coisa mais difficil que eu conheço na nossa terra.

Foi com essa difficuldade enorme que se viu a braços a commissão da imprensa para organisar o festival no theatro de D. Maria em honra de Capello e Ivens.

A pessoa que escreve estas linhas teve tambem o seu pequenino quinhão n'essas difficuldades, e por isso esta chronica de hoje podia muito mais propriamente chamar-se — memorias de um festeiro.

E antes de tudo, uma rapida declaração por amor das duvidas. Estas linhas não teem por forma alguma a significação de um encarecimento de serviços: são apenas uma palestra de *chroniqueur*, e nada mais.

Eu não venho apregoar serviços: venho simplesmente contar as torturas, as tribulações por que passa um pobre diabo que tem por dever gratissimo cooperar na realisação de uma festa em honra de dois heroes gloriosos e excepcionaes, mas que tem por condão ingratissimo achar-se em Lisboa, esbarrando em villegiaturas e bronchites para toda a parte que se volta á procura de elementos para uma festa.

N'uma d'essas bronchites que encontrámos quando procuravamos cantoras, a elegante senhora que tinha a desgraça — para ella e para nós, principalmente, porque nós padecemos muito mais com a ausencia d'ella do que ella com a presença da bronchite —, a elegante senhora, em quem ninguem adivinhara a primorosa cantora atraz de uma voz rouquenha e cheia de notas de barytono desafinadas, disse-nos que não tinha medo nenhum de cantar em publico.

— E não tenho medo, explicava, porque quando entro n'um palco e olho para os camarotes, digo commigo: «Deixal-o! aquellas que me censuram que venham para cá, e veremos.»

Nós diremos o mesmo aos que nos lançarem a primeira pedra — que viessem para cá e veriam.

Festa com dia marcado, dia inaddiavel, a Lisboa quasi deserta, e o campo e as praias cheias de catharros feitos pelos primeiros sopros do outomno! Imaginem!

Tudo preparado para uma festa. A casa vendida, o praso a chegar, a chegar o dia, a chegar quasi a hora, e de repente... zás! Um poeta em Cintra mettido na cama com uma bronchite furiosa, um tenor em Cascaes com um caustico aberto, outro poeta na Junqueira a arder em febre, uma soprano em Lisboa com um abaixamento de voz, aqui outro poeta com a casaca trocada, acolá um baixo rouco como uma canna rachada!

Palavra de honra que é de uma pessoa se sentir campanone até á raiz dos cabellos... tendo-os.

Finalmente, a amabilidade graciosa de amadores illustres e de illustres artistas remediou todos estes contratempos de á ultima hora, e o sarau fez-se, o melhor que se podia fazer com os poucos elementos — embora valiosissimos — de que se dispunha.

Uma pianista distinctissima, a ex.ma sr.a D. Camilla de Paiva Raposo, prestou a essa festa a coadjuvação de um bello talento, executando primorosamente a grande *polonaise* de Chopin, que lhe valeu um triumpho justissimo: um rabequista dos mais notaveis que Lisboa possue entre os seus mais queridos artistas, o sr. Filippe Duarte, uma organisação artistica de *élite*, acompanhado por dois illustres amadores de musica, o sr. Cunha e Silva e Carlos Ferreira, deram á festa o cunho de uma verdadeira festa musical. Timotheu da Silveira, um pianista amador que é um artista completissimo, veiu expressamente de Estremoz pôr ao serviço da festa da imprensa o seu talento de *virtuose* e a sua primorosa arte; um violinista amador que pode occupar logar eminente entre os artistas gloriosos, o sr. Costa Carneiro, teve um bello *successo* n'um solo de Berlioz; a empreza do theatro de D. Maria, que bizarramente cedeu o seu theatro para essa festa, tomou n'ella parte importante, recitando poesias, as festejadas actrizes Rosa Damasceno, Virginia, os distinctos actores João, Augusto Rosa e Brazão, que fechou o festival com uma esplendida poesia escripta expressamente pelo nosso grande poeta Thomaz Ribeiro; a orchestra do theatro prestou amavelmente o seu concurso a essa festa, em que o Mello do Gymnasio recitou excellentemente um trecho do *Crime*, de Guerra Junqueiro, e a que Silva Pereira e Valle deram a nota alegre da sua exhuberante veia comica.

E guardamos muito de proposito para o fim Paulina Stegner, a formosa cantora que toda a Lisboa musical applaudiu phreneticamente na epoca passada no theatro de S. Carlos, e que levou a sua amabilidade pela commissão organisadora do sarau até abrir um parenthesis n'um luto de familia para vir dar ao festival da imprensa o brilho do seu poderoso talento de artista eximia.

Paulina Stegner é uma graciosa e encantadora *virtuose*, que reune a todas as fascinações de mulher as scintillações de um espirito privilegiado, de um talento artistico *hors ligne*.

A sua voz é magnifica, o seu methodo de canto correctissimo, e as suas notas graves de uma belleza completa, marcam-lhe logar proeminente em um futuro proximo no mundo lyrico.

É uma *étoile* de ámanhã essa joven e formosa artista amadora, que *prend son essor* para ser uma artista gloriosa.

Na festa de D. Maria Paulina Stegner cantou deliciosamente uma romanza de Deuza, a grande aria da *Gioconda*, e uma romanza, *Perche*, composição do illustre maestro Bonafous, o mestre dos coros do theatro de S. Carlos, e que a acompanhou ao piano.

Perche é um bello trecho musical, que Bonafous compoz para offerecer á sua discipula a ex.ma sr.a D. Catharina de Sousa Coutinho, e que terá sempre successo todas as vezes que for cantado, e explendidamente cantado, como o foi pela sr.a D. Paulina Stegner.

El-rei assistiu á festa feita em honra dos illustres exploradores, e no fim fez-lhe entrega, na tribuna real, e no meio d'applausos enthusiasticos de todo o publico, dos dois albuns d'assignaturas organisados pela commissão da imprensa.

A poesia de Thomaz Ribeiro que o actor Brazão recitou com o talento superior que o distingue, e que foi applaudidissima, é a seguinte:

EM CONTINENCIA

E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.
CAMÕES — *Lusiadas.*

Com profundo respeito e reverencia!
venho tambem á lusitana festa;
veterano que passa em continencia
ante uma gloria mais que ao mundo attesta,
que, se póde enlutar-se uma eminencia,
e ficar algum tempo muda e mesta,
a nuvem passa e do Sinai no cume
se reaccendem fanaes de vivo lume.

Se apoz muito lidar, muita batalha,
muito instruir, muito guiar o mundo,
se encosta a descançar o que trabalha,
nem é lethargo o somno seu profundo,
nem os laureis que o cobrem são mortalha!
Se dos fructos do seu labor fecundo
o querem despojar, ignaros povos,
ergue-se e vinga-se, em prodigios novos.

Que quer dizer o excepcional carinho
com que a nação acclama e condecora
estes dois, ao volver ao patrio ninho,
honra não feita aos seus irmãos d'outr'ora?
Ella, alheia a expansões e ao borborinho
facil de outras nações, febril agora!
— é que são, na tormenta com que arrosta,
— uma gloria, — um protexto, uma resposta

Resposta a quem? a uma invejosa imprensa,
— extrangeira, por Deus! muito extrangeira! —
que attenua o labéu de cada offensa,
(de que a mais torpe é sempre a derradeira),
no patentear, uma ignorancia immensa!
resposta a alguma voz ingrata e arteira
que insinua, que mata, inunda e assola,
mas acaba por fim pedindo esmola.

Ás insidias d'algum omnipotente;
ás ingratidões vis do mundo inteiro
que, forte pode ser, rico e potente,
mas não poderá nunca ser *primeiro,*
emquanto houver nas ribas do occidente
este pequeno povo aventureiro,
que inda longinquos povos senhoreia
e escreveu, por historia, uma epopeia.

Honra ao passado, ó crentes do futuro!
gloria ao futuro! esteios do presente!
ergueu-se a nuvem, dissipou-se o escuro;
eis redivivo o lume refulgente.
Ante este preito caloroso e puro,
eu passo em continencia, reverente.
Pois que protesto sois, lição e gloria,
que a epopeia registe — e siga a historia.

THOMAZ RIBEIRO.

Jayme Victor, o meu presado collega, na commissão e na redacção do *Correio da Manhã*, recitou um discurso excellentemente pensado e cuidadosamente trabalhado, em que havia verdadeiras perolas litterarias, como por exemplo, o delicioso quadro historico da renascença.

Jayme Victor, que pela primeira vez falava em publico, em Lisboa, perturbou-se muito, e d'ahi vieram umas hesitações que não deixaram apreciar como merecia o seu bello trabalho litterario.

O discurso foi publicado no dia immediato no *Correio da Manhã*.

Os pianos que figuraram no concerto foram cedidos obsequiosamente pelas casas Canongia e Sassetti e a ornamentação esplendida da scena feita sob a direcção do illustre floricultor o sr. Mello Breyner.

E agora, meus senhores, resta-me falar-lhes do grande successo theatral da semana, a *Mocidade de Figaro*, a opera nova da Trindade. Mas para falar d'isso falta-me apenas uma coisa... ter visto a peça, e portanto fica para a semana esse assumpto.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS (1)

Os dois retratos que illustram hoje a primeira pagina d'este numero do OCCIDENTE, reproduzem as physionomias dos dois intrepidos exploradores depois da sua arriscada viagem.

O primeiro conta quarenta e quatro e o segundo trinta e cinco annos, e não obstante os trabalhos que tem passado, os soffrimentos das fadigas, das privações, dos desconfortos, das anciedades, se lhe não tem esmorecido as suas almas generosas, se lhe não tem quebrado o animo valoroso, se lhe não tem arrefecido os ardores do enthusiasmo pela sciencia, pela patria, pela humanidade, tem-lhe sulcado a fronte com os signaes da velhice precoce, deixando vêr, denunciando, a grandeza dos sacrificios feitos para bem servirem a sua consciencia no desempenho do dever que tomaram, mostrando de um modo frisante o quanto é doloroso cumprir um tal dever.

Exemplo vivo de abnegação. Aprendei como se é grande sendo-se modesto.

Os que teem ganho honrarias, no remanso da burocracia, entre alcatifas e reposteiros, entre as intrigas da politica e as cortezanias; os que mercadejam essas honrarias a troco do seu oiro ganho entre egoismos interesseiros, curvem-se humilhados ante a grandeza d'estes heroes de hoje, que por serem de hoje já não ha honrarias que os distingam entre o malbaratado d'ellas.

SESSÃO SOLEMNE DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA NO REAL THEATRO DE S. CARLOS

Foi em a noite de 1 do corrente que a Sociedade de Geographia de Lisboa celebrou a sua sessão solemne, para a conferencia dos exploradores Capello e Ivens, e entrega das medalhas de ouro offerecidas pela mesma sociedade.

O grande recinto do theatro de S. Carlos, convertidas a plateia e caixa em um grande salão, estava litteralmente cheio de espectadores, os camarotes da mesma fórma.

Cerca das nove horas achando-se no seu camarote a familia real, foi aberta a sessão pelo sr. ministro da marinha Pinheiro Chagas, em nome de Sua Magestade El-rei D. Luiz, em presença do numeroso auditorio composto de altos funccionarios do estado, corpo diplomatico, camara municipal, representantes do exercito e da marinha, alto clero, incluindo Sua Eminencia o Patriarcha, deputações de differentes associações, alto magisterio, socios da Sociedade de Geographia e mais convidados, augmentando os atractivos da festa grande numero de senhoras em traje de gala, n'uma grande variedade de *toilettes* elegantes e de gosto.

O discurso com que o illustre ministro da marinha iniciou os trabalhos d'aquella sessão foi calorosamente applaudido, e dispoz agradavelmente o auditorio.

(1) As biographias de Hermenegildo Capello e Roberto Ivens, acham-se publicadas a paginas 42, 43 e 51 do 3.º volume do *Occidente*.

Em seguida Capello leu o relatorio conciso da viagem e Roberto Ivens falou depois, pondo em relevo algumas das peripecias d'essa viagem, terminando por fazer entrega da bandeira portugueza que os tinha acompanhado na travessia, ao sr. Aguiar, presidente da Sociedade de Geographia.

O auditorio applaudiu calorosamente os conferentes, e quando o sr. Aguiar tomou a palavra e fez a apologia do feito que os benemeritos exploradores tinham praticado, agitando por vezes a gloriosa bandeira meio mutilada pelos estragos da viagem, os applausos rompiam enthusiasticos e expontaneos d'entre os espectadores, onde não havia uma idéa isoladora que interrompesse a corrente electrica que animava todos os espiritos.

Ao discurso do sr. Aguiar seguiu-se a entrega das medalhas aos exploradores, por S. M. El-Rei D. Luiz, na tribuna real.

A ceremonia ahi foi commovente. El-rei entregou as medalhas a Capello e a Ivens abraçando-os e dirigindo-lhes palavras afectuosas em que o monarcha revelava a intima satisfação que o dominava.

O auditorio redobrou os seus applausos e não é possivel descrever os bravos, as palmas, os vivas que irrompiam de toda a sala.

A corda do patriotismo vibrava no seu mais alto diapasão; uma ovação collossal encerrava aquella festa, que deixou de si as mais gratas recordações.

Sobre a conferencia dos exploradores e importancia da exploração, em outro lugar do nosso periodico, principia hoje o distincto professor, sr. José Julio Rodrigues uma serie de artigos sob o titulo *O moderno movimento geographico em Portugal*.

O moderno movimento geographico em Portugal

Analysando fria e pausadamente tudo quanto, no nosso paiz, tem succedido desde a criação da sociedade de geographia de Lisboa e da commissão central permanente de geographia até os recentes successos, que promoveram o largo enthusiasmo com que a nação inteira recebeu e está recebendo os nossos dois exploradores Capello e Ivens, se adquirimos a convicção de que Portugal está muito longe de ser um paiz velho e gasto, como a muitos, sem motivo, se affigura, tambem nos convencemos infelizmente de que bem poucas vezes tem, modernamente, comprehendido como devera, e fora para desejar, o papel geographico e colonial, que a politica contemporanea, as necessidades da sua vida intima e a sua propria historia hoje lhe impõem e determinam.

Illudido pelos exageros do seu calido temperamento, marchando quasi sempre sem rumo, não duvido affirmal-o, por entre labyrinthos de uma ardilosa diplomacia, pouco dada ao sentimentalismo e, por sua natureza, egoista e reservada, prompto em acclamar, menos prompto porem em reflectir, mais patriota do que sensato, mais fogoso do que perseverante, acaba o povo portuguez de nos dar, com a sua apotheose aos dois benemeritos, tão ampla, tão communicativa, tão desregrada até, e todavia justificada pela intenção que lhe serviu de base e pelo heroismo que a provocou, largo testemunho de que lhe não faltam ainda as espontaneidades generosas e altivas de um povo, por ellas outr'ora illustre e a cuja historia se pretende, n'uma actualidade de gloriosos commettimentos, associar um futuro que nos redima da obscuridade, em que temos ultimamente vivido.

Não nos illudamos porem. Nem as recepções e discursos, que ultimamente se teem proferido são a synthese do pensamento nacional, por ora demasiado complexo e diffuso, nem este pensamento procurou expandir-se por entre os diluvios de rhetorica, que ha tantos dias vemos cahir firme e seguida sobre as cabeças d'aquelles notabilissimos viajantes...

Não nos illudamos portanto e, aproveitando o bom fermento dos enthusiasmos populares, saibamos ao menos, os que não temos accesso nos vastos arsenaes da eloquencia lusitana, porque o ensejo é bom, orientar e esclarecer a opinião fluctuante e inconsistente, extrahindo do povo, capaz de tão ardentes enthusiasmos, a persistente e util cooperação, de que precisam os altos poderes do estado, para a explanação e desbaste do gravissimo problema da nossa politica africana. N'elle encontro — porque não hei de dizel-o? — tantos e tão arriscados perigos, que quasi estou a persuadir-me de que a questão colonial, tal como a estou lendo no borburinho das praças e das ruas, no ministerio e no parlamento, pode ser, pelos accrescentamentos que tendem a imprimir-lhe os ultimos acontecimentos, a ruina, que não a gloria da patria, que a si propria se festeja nas expansões innocentes e ruidosas de uma nação, cuja abundancia de affectos nem sempre corresponde á serenidade do conceito, muito mais preciso do que aquelles na apreciação e expediente das coisas publicas e nacionaes.

Sobre o sentimento popular, que é grande, levante-se pois, que é azado o momento, a opinião esclarecida e circumspecta, com que todos havemos de acudir aos desmandos de uma geographia colonial, que temos, nos seus exageros, por imprudente e pouco patriotica. Essa opinião, a opinião de todos os portuguezes silenciosos, mas sensatos, será, de futuro, tambem, a unica resalva, que poderemos oppor ás responsabilidades presentes, tão numerosas como dispensaveis.

Bem longe de nós a idea de minguarmos os heroicos e relevantes serviços de Capello e Ivens, esses modernos apostolos da nacionalidade portugueza, tão preclaros como modestos. Fomos dos primeiros a acclamal-os, e a muitos lembrará por certo que, n'um banquete, dado ha annos em honra de outro benemerito e não menos arrojado e valoroso compatriota, o sr. Serpa Pinto, saudámos, illuminados por um amplissimo sentimento de justiça, aquelles nomes illustres e gloriosos, que o paiz então parecera haver olvidado nos deslumbramentos de uma primeira travessia, ao passo que, entregues ao largo desempenho de uma tarefa, tão util como patriotica, elles, martyres voluntarios, labutavam entre mil sacrificios e amarguras por honrar em Africa o seu nome e, com elle, o da patria estremecida.

Não queremos porem, o que é mui differente, associar o nosso voto, embora insignificante e humilde, á especie de delirio geographico que nos está avassalando, desatinado e impertinente, arrastando-nos sem consciencia propria para esse paiz de aventuras, em que já descobrimos um Alcacer-Kibir, que foi mais tarde o tumulo, embora transitorio, da nacionalidade portugueza, e em que poderemos descobrir agora, a par da nossa ruina economica e financeira, o mais frisante documento da nossa incompetencia colonial e o melhor testemunho da nossa falta de sisudez administrativa.

Que a geographia jamais nos apague do espirito, porque a maldiriamos então, o quanto carecemos de escolas e de ensino, de independencia individual e collectiva — independencia de sentimento e de opinião — de uma imprensa vigorosa e imparcial, de uma absoluta isenção e moralidade entre os diversos poderes do estado e entre estes e a nação, que tudo nos é bem mais preciso do que quaesquer desmedidas expansões coloniaes, incompativeis com as forças do paiz e com a illustração e patriotismo dos seus capitaes e recursos.

Acceitando como portuguez, que nos presamos de ser, para a nação portugueza a nobilissima tarefa de povo colonisador, desejamos no entanto vel-a accentuar a sua cooperação nas modernas questões geographicas e coloniaes com o tino e prudencia, que requerem tão momentosos assumpto e a propria debilidade do nosso paiz.

Fixando direitos e estabelecendo propriedades, onde nos convenha fixar dominios, não nos ceguemos porem com a idea inopportuna de estradas de costa a costa, que possam, antes de um ou dois seculos, disputar vantagens e primazias ás largas e faceis communicações maritimas, que hão de, por muito tempo, alimentar e nutrir o commercio de Africa com o velho e novo mundo.

Quantos se não illudem a respeito do tão apregoado continente negro, que raro merece os milhões que a geographia do seculo XIX alli tem dispendido e inutilisado e que, por largos seculos, conservará quasi infecundo o sangue generoso dos heroicos viajantes, que o teem estudado e percorrido!

A reacção, que principiou já, hade confirmar um dia o que dizemos.

. . . .

Em artigos subsequentes estudaremos summariamente, por nos não sentirmos por ora com forças para mais, as phases, consequencias e motivos do alvoroço geographico, a que estamos assistindo, mui felizes se podermos esclarecer os nossos estimaveis leitores em pontos que, por andarem envolvidos em sensiveis obscuridades e equivocos, podem leval-os a conclusões mui diversas das que procuram sempre os homens imparciaes, sem ligações ou affectos, que possam amollecer-lhes o espirito na severa pesquiza da verdade.

Se desagradarmos a alguns, consolar-nos-ha a idea de sermos leaes para com todos.

Lisboa, 7 de outubro de 1885.

José Julio Rodrigues.

MANUEL DE JESUS COELHO

Não sabemos, nem curámos de indagar, a filiação do cidadão honestissimo e prestantissimo, ha pouco fallecido, que se chamou Manuel de Jesus Coelho, e que de si deixou honrosos exemplos de dedicação civica, e de abnegação pessoal.

Nascido em Lisboa em 1803, foi-lhe o berço embalado ao sopro de uma invasão extrangeira, e os seus primeiros passos na vida incertos e difficeis. Em 1826, contando apenas 18 annos de edade, iniciou Manuel de Jesus Coelho a sua carreira politica, affirmando os sentimentos liberaes, que sempre lhe foram norte, até o fim de uma larga vida, constantemente empregada em fazer o bem, em servir a democracia, a honrar a patria com o seu trabalho.

Em junho do já referido anno de 1826, chegava a Lisboa, vindo do Rio de Janeiro, um brigue de guerra conduzindo a seu bordo o portador da Carta Constitucional, que D. Pedro IV acabava de outhorgar aos portuguezes, e que devia marcar uma nova epoca de regeneração social. Era então regente do reino a infanta D. Isabel Maria que, mal aconselhada, procurava occultar ao paiz o acto magnanimo de seu irmão, furtando-se a dar-lhe a luz da publicidade.

Transpirando porém a noticia, alguns patriotas mais insoffridos, combinando-se entre si, proclamaram por conta propria a Carta Constitucional no theatro de S. Carlos, antes como depois fadado a ser o ecco das ruidosas manifestações do sentimento popular. No numero dos que assim se antecipavam á promulgação official do novo codigo de redempção contava-se Manuel de Jesus Coelho, o homem que tanto de futuro havia de padecer pela causa da liberdade.

Dois annos depois, em 1828, regressava a Lisboa, vindo de Vienna d'Austria, o infante D. Miguel, negando-se a reconhecer a Carta Constitucional, e inaugurando o governo absoluto que tão rudemente pesou sobre o paiz até 1834.

Ninguem ignora a dureza das provações por que tiveram que passar quantos os que, por qualquer modo, se haviam mostrado favoraveis ás idéas liberaes, tendo uns que expatriar-se, e que homisiar-se os outros para escapar ás pesquizas e ás devassas de um governo intolerante.

Sem recursos para tomar o primeiro dos dois expedientes, Manuel de Jesus Coelho deixou se ficar em Lisboa, conspirando sempre contra o governo intruso, até ser finalmente preso, correndo a sua vida eminente perigo, e logrando depois ser solto, superando immensas difficuldades.

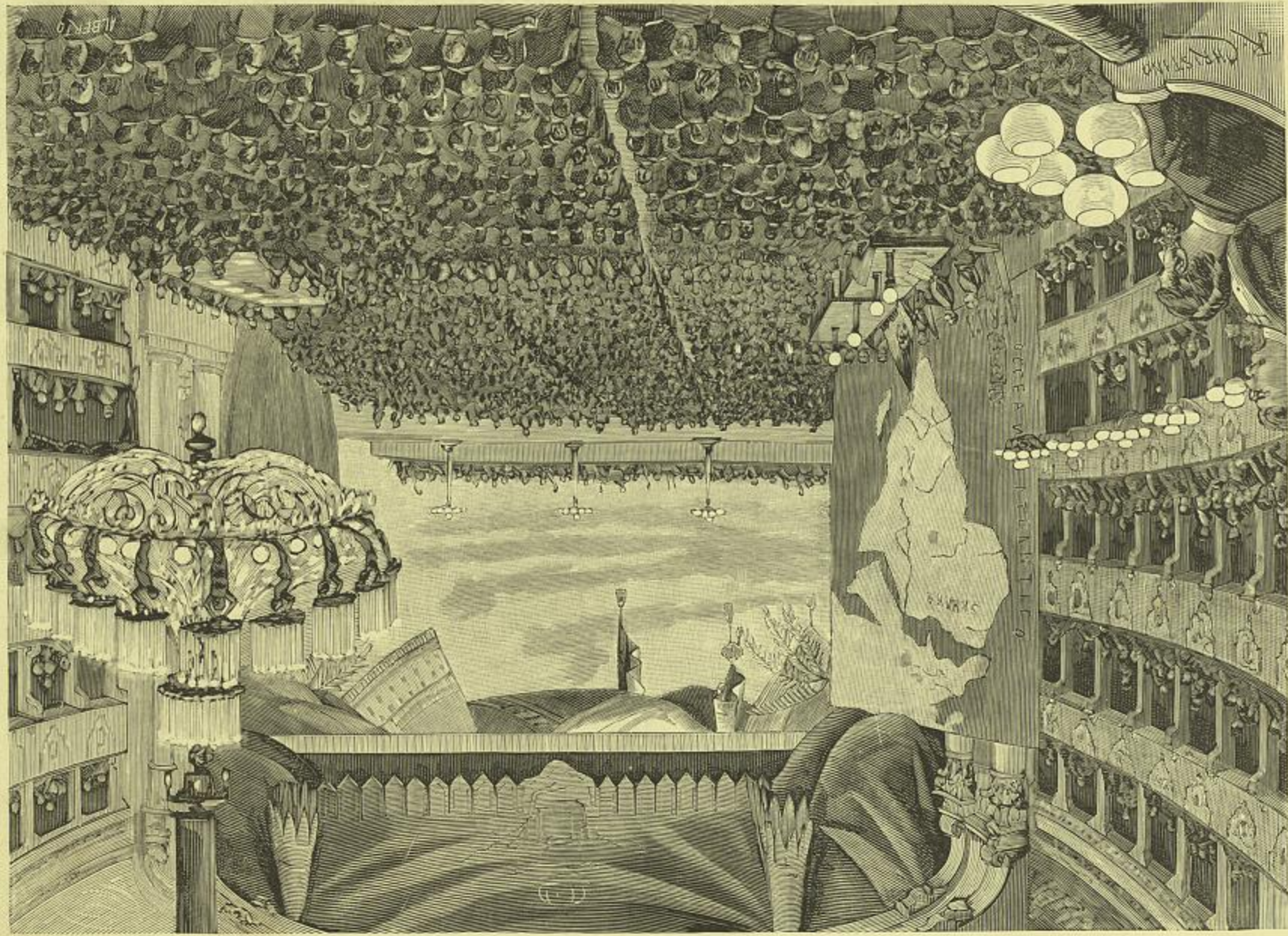
Em 1831, tendo já o imperador desembarcado na ilha Terceira, chegaram a Lisboa, mandados pela regencia, alguns impressos, trazendo noticias que muito deviam alentar o animo abatido dos constitucionaes.

Era urgente reproduzir e divulgar esses importantes documentos. Manuel de Jesus Coelho, então typographo, e já conhecido pelos seus sentimentos liberaes, foi convidado para tão arriscada empreza, que acceitou sem condições, antepondo os interesses do seu partido, a considerações de outra ordem. A typographia por Manuel de Jesus Coelho estabelecida, era na rua do Outeiro, e todos os impressos clandestinos compostos por elle e por seu cunhado Leandro José Rodrigues, para que não fosse quebrado o sigillo de tão audacioso commettimento. Apesar de tudo, a typographia por vezes foi assaltada por ordem da intendendencia geral de policia, e minuciosamente revistada, logrando sempre o seu proprietario illudir as pesquizas da auctoridade, a ponto do juiz do bairro do Rocio chegar a convencer-se serem falsas as denuncias dadas contra Manuel de Jesus Coelho.

Apesar da carencia de provas em que pudesse assentar um processo regular, foi em 1831 preso com alguns seus amigos mais particulares, entre elles o pae do sr. Neves, actual vogal do conselho superior de guerra e marinha, e recolhido ás cadeias do Limoeiro.

Estabelecido em Lisboa o governo constitucional em 1833, sentou Manuel de Jesus Coelho praça no 3.º batalhão da guarda nacional, sendo n'esse mesmo anno escolhido por Rodrigo da Fonseca Magalhães, que então era administrador da Imprensa Nacional, para chefe de composição typographica da *Chronica Constitucional*, orgão official do governo d'aquella epoca.

Apesar de dispensado do serviço militar, em virtude da commissão que exercia, Manuel de Jesus Coelho, por occasião do attaque ás linhas de Lisboa pelas forças miguelistas no dia 5 de setembro, foi juntar-se em Campolide aos seus camaradas, que repelliam valentemente as forças do exercito contrario. Concluida a guerra civil em 1834,

Sessão solemne da Sociedade de Geographia de Lisboa, para a conferencia dos exploradores Capello e Ivens, no Real Theatro de S. Carlos (Desenho do natural por Christino)

e dissolvidos os batalhões de voluntarios, foi escolhido para official do 15.º batalhão da guarda nacional. No mesmo anno fundou o *Nacional,* jornal que teve uma immensa voga e grande popularidade, e foi convidado pelos dois irmãos Passos, Vieira de Castro e Rio Tinto para assumir a sua direcção, que acceitou, conservando-se durante oito annos no posto que só abandonou, para fundar o *Patriota,* folha que teve na politica liberal do paiz a mesma influencia de que dispusera o antigo *Nacional.*

Manuel de Jesus Coelho tomou uma parte activa na revolução de 1836, preparando este movimento, e auxiliando-o com toda a dedicação e enthusiasmo. Não é nosso proposito narrar os acontecimentos que deram em resultado a grande lucta travada entre os setembristas e os cartistas, e que só muitos annos depois teve o seu natural desfecho. O receio de que as novas instituições fossem levadas de vencida pelos partidarios da Carta, fez com que se organisasse por aquelle tempo uma associação no Arsenal de Marinha, a que Manuel de Jesus pertenceu. Os *Arsenalistas,* assim denominados pelo local em que a principio se reuniram, foram quasi exclusivamente os mais poderosos auxiliares da politica inaugurada em 1836, e como taes os que mais tarde se tornaram suspeitos á politica reaccionaria, a que se chamou a restauração da Carta, e que tinha por ministro do reino Costa Cabral, o seu mais activo e audacioso defensor.

De 1842 em diante o *Patriota,* de que Manuel de Jesus era o proprietario, começou a fazer a mais violenta guerra ao governo, sendo o jornal implacavelmente perseguido pelo ministerio publico. As querellas dadas contra o *Patriota,* durante o governo do sr. conde de Thomar, ascenderam a duzentas e tantas, sendo o jornal sempre absolvido, mas ficando o seu proprietario arruinado com as excessivas despezas das fianças, porque cada querella exigia uma fiança especial.

Tendo tido logar a revolução *d'Almeida* em 1844 contra o governo do sr. conde de Thomar, Manuel de Jesus Coelho foi implicado n'ella, e recolhido novamente á cadeia. A typographia do *Patriota* foi arrestada, o que não impediu que n'ella se continuasse a imprimir proclamações e outros papeis revolucionarios, com grave perigo para a familia do seu proprietario, porque o material de imprensa tinha ficado lacrado e sellado! O proces-

Sessão solemne da Sociedade de Geographia de Lisboa para a conferencia dos exploradores Capello e Ivens, no Real Theatro de S. Carlos. Entrega das medalhas aos exploradores por S. M. El-rei D. Luiz

(Desenho do natural por J. Christino)

Vista geral de Thomar (Segundo photographia de A. S. Magalhães) Vid. artigo "Tres dias em Thomar"

so instaurado então contra Manuel de Jesus Coelho, não teve funestas consequencias. Os tribunaes absolveram-n'o, apesar dos esforços em contrario empregados pelo governo, que mirava a vel-o condemnado a degredo. Não obstante a grande vigilancia da policia, logrou Manuel de Jesus Coelho fazer sair de sua casa e distribuir pelos conspiradores e populares as armas e munições de que era depositario.

Em abril de 1846, começava em Braga a revolução que desde logo foi denominada da *Maria da Fonte*. Logo que em Lisboa constou o movimento popular, foi outra vez preso Manuel de Jesus Coelho e mettido no segredo, onde o conservaram durante trinta e tres dias, vindo a ser solto no dia 22 de maio do mesmo anno.

A 7 de outubro seguinte houve o movimento militar conhecido pela designação pouco sympathica da *Emboscada*. De novo foi Manuel de Jesus Coelho procurado para ser preso, e a sua typographia ainda outra vez arrestada, mas sem que d'ella deixassem de continuar a sair proclamações incendiarias contra os chefes d'aquelle inesperado movimento politico. Tendo-se mais tarde revolucionado a cidade do Porto, Manuel de Jesus Coelho saiu da capital, e foi unir-se ás forças militares do conde das Antes, mandando-o este general apresentar ao conde de Mello, que então commandava a divisão do Alemtejo, e que por seu turno o mandou aggregar ao batalhão de Lisboa na qualidade de capitão de uma das suas companhias.

Depois da batalha de Torres Vedras o conde de Mello retirou para Evora, d'onde saiu no dia 23 de fevereiro de 1847, para ir atacar Extremoz, sendo Manuel de Jesus Coelho n'esta occasião elogiado na ordem do dia pela sua bravura e denodado comportamento em frente do inimigo.

Mais tarde, já em Setubal, veiu do Porto uma força commandada pelo marquez de Sá da Bandeira, que fez juncção com as forças do conde de Mello, tomando aquelle general o commando em chefe. Pouco depois teve lugar a acção do Alto Viso contra as forças do conde de Vinhaes, sendo novamente Manuel de Jesus Coelho elogiado pela sua bravura, e recommendado á Junta do Porto, que o condecorou com as insignias da nobilissima ordem da Torre e Espada, nomeando-o egualmente commandante do 2.º batalhão de Lisboa.

Em 1848 voltou a ser preso com outros seus correligionarios, instaurando-se-lhes o processo que foi chamado *das hydras*. Esteve seis mezes na cadeia, e oito dias no segredo!

E 1851 teve lugar a revolta do Marechal Saldanha, que ficou conhecida pela designação de *Regeneração*. Manuel de Jesus Coelho continuou a fazer opposição ao novo governo, que elle suppoz arredar-se dos principios politicos da escola progressista, a que pertencia.

Em 1858 o partido progressista representado por um grande numero de seus membros, apresentou a candidatura de Manuel de Jesus por um dos circulos de Lisboa, honra que elle modestamente declinou de si.

A imprensa d'aquella epoca refere-se com elogio ao procedimento do candidato, louvando a sua isempção a nobresa do seu caracter.

Na legislatura seguinte foi novamente proposto, e eleito por um dos circulos da capital, tomando assento na camara, e parte em algumas das suas commissões.

Parece que o homem que tão accidentada vida teve, deveria ser alheio aos males estranhos, para só dos seus proprios curar. Não aconteceu assim: Manuel de Jesus Coelho foi homem de uma extrema bondade, de um coração amoravel e compassivo.

Comprasia-se em fazer o bem pelo bem, sem alarde, em segredo, como que envergonhado das boas acções que praticava.

Fez parte de um crescido numero de commissões humanitarias e philantropicas, e foi um dos principaes fundadores da prestante Associação das Classes Laboriosas, e do Asylo de Santa Catharina, que tão valiosos serviços tem prestado á infancia desvalida. Manuel de Jesus Coelho foi tambem um dos iniciadores do Gremio Popular, benemerita instituição que ainda hoje subsiste, e da patriotica Associação Primeiro de Dezembro.

Socio da Associação Typographica, Manuel de Jesus Coelho foi tambem subscriptor assiduo do Albergue dos Invalidos do Trabalho e da Associação das Creches, sem nunca negar o obulo da caridade aos desvalidos da fortuna.

Além da Torre e Espada, foi condecorado com a medalha da febre amarella, e com uma venera hespanhola pelos serviços prestados aos emigrados d'esta nação. Falleceu com 76 annos de edade, bemquisto de todos quantos o conheceram.

L. A. Palmeirim.

TRES DIAS EM THOMAR

(Continuado do numero 244)

II

No fim de tudo essa coisa de a gente se levantar cedo custa muito, mas sabe bem.

Mas esse mesmo saber bem é atravessado pelos espinhos crueis do remorso.

Só quando nos achamos ás sete horas almoçados e promptos, e vemos desfillar por deante de nós as longas horas da manhã, é que comprehendemos o tempo enorme que se perde n'esse delicioso valle de lençoes, dormindo como abbades emquanto o sol de ha muito ronda a nossa porta com a permanencia de guarda nocturno bem pago.

E depois vem o remorso do tempo perdido, um remorso versado em arithmetica, que sabe muito bem as suas quatro especies, que multiplica n'um momento as horas perdidas cada dia, pelos annos que temos dormido até ao meio dia n'este valle de lagrimas, e a gente entristece, com esse esse immenso total de horas dormidas, e lá se vae todo o prazer das madrugadas.

E tudo isto pensavamos e sentiamos nós, por ahi acima, dentro da carruagem, emquanto o Poço do Bispo, os Olivaes, Sacavem, Povoa e Alverca, passavam por deante de nós a vapor, mas a vapor

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 244)

X

Uma coincidencia providencial

A situação não era agradavel e precisava tirar d'ella todo o partido que as circumstancias permittiam.

— Com que então, amigos, lhes disse jovialmente o *Frade*, vocês queriam roubar-me?...

E ria-se á força, sabe o diabo com que vontade.

O *Mata-Judeus* avançou para elle de uma maneira ameaçadora e disse:

— Pois eras tu, diabo?!

Os demais que lhe conheciam os ferinos instinctos, afastaram-n'o prudentemente.

— Que tu vendesses o das pelles, que te queria tirar a mulher, entendia-se, mas que vendesses tambem os amigos, aquelles que muitas vezes te guardaram as costas?...

O *Frade* acudiu logo:

— Ó *Mata-Judeus*, que está para ahi a dizer, velho lobo da serra? Por esse raciocinar chega-se á conclusão de que me vendi tambem a mim mesmo. Acaso ignoram que de todos os caçadores de carne humana sou eu o mais odiado n'este momento e o mais perseguido?!

Este argumento pareceu de peso para o *Mata-Judeus*.

Encolheu os hombros e resmoneou entre dentes:

— Lá com a tua labia não quero teimas, mas a respeito do dinheiro que te deram em casa do governador é que são ellas...

— Está aqui e pertence-nos, visto que nos encontramos e que voltamos á vida antiga, accudiu o *Frade* immediatamente, um tanto intrigado, porque nem contava com aquelle encontro, nem podia suppôr que os seus quatro companheiros estivessem tanto ao facto dos seus negocios.

Dizendo isto mostrou-lhes no cinto que trazia comsigo uma grande porção de ouro e prata, capaz de satisfazer completamente a cubiça d'aquelles miseraveis.

E cada um d'elles interrogava-se ambiciosamente, inquieto, por saber quanto lhe caberia na divisão.

Entretanto o *Frade* procurava os seus alforges.

— Que diabo, vocês espantaram-me o animal em que eu vinha e fizeram-me dar um trambulhão de que levo recordações por alguns dias.

N'isto encontrou o bordão e o chapéo e proseguiu na sua faina em busca dos alforges.

O *Trovão* respondeu-lhe:

— Pois foi a tua redempção essa queda.

— Foi, foi...

— Decerto, porque a estas horas serias um homem morto.

E dizendo isto apontava para um vulto estendido aos seus pés.

— Olha a sorte que te esperava?

Curvou-se então e viu que estava alli um homem morto. Tinha um longo ferimento no peito e trazia tambem como elle um alforge e habito da mesma ordem,

Singular acaso.

— Foi o *Mata-Judeus*, continou o outro, explicando a situação. Atirou sobre elle cuidando que era quem nós esperavamos, porque sem te conhecer seguimos-te ha dois dias percebes?... Não temos a tua finura, mas emfim não nos deixamos morrer á fome... A gente faz pela vida. A nossa é esta.

Já não quiz arredar-se d'alli sem saber tudo.

Que demonio! Teve n'esse momento uma idéa que o alegrou, que o fez sorrir.

— Conta-me como isso foi, sem omittir uma só palavra, exclamou elle.

Formaram um pequeno circulo aquelles cinco homens e o *Trovão* tomou a palavra.

O *Frade* era o chefe natural do pequeno grupo que elles formavam na gruta e se mostrava adverso ao predominio do homem do fato de pelles.

Como os tivesse abandonado n'uma situação grave, mas prevendo o perigo que todos corriam, trataram tambem de fugir.

Logo na manhã seguinte estavam elles na Torrosa, uma pequena povoação nas abas da montanha que bordava a planicie, quando souberam da sorte dos que haviam ficado na gruta. Mais tarde, ao passarem no casal do Bravo, toda a gente falava de Ondina, da sua loucura, do estado em que a haviam deixado.

Deram-se os parabens á sua fortuna.

Mas revoltaram-se conrra o *Frade*.

Era fóra de duvida que o patife tivera a intenção damnada de lhes armar a elles todos um laço infame.

Mas factos posteriores vieram depôr em seu abono. Não era tão feio o homem como o pintavam. Elle afinal se não tinha caido na mesma ratoeira que armára aos demais não estava muito longe d'ella.

Era talvez uma questão de tempo.

Um dos quatro companheiros, havia-se disfarçado em mendigo, para ir colher noticias, e voltára com muitas novidades de sensação.

A primeira é que, um frade mendicante fôra o que dera denuncia dos ciganos e do local em que se reuniam.

Logo não havia razão de accusar o companheiro.

A segunda era que por acaso se havia encontrado o rasto de um criminoso, de ha muito perseguido pela justiça, e que pelas declarações dos presos se viera a saber que fazia vida com os ciganos, no mesmo covil em que elles se occultavam.

Esta segunda noticia acabava por justifical-o plenamente.

Nenhum d'elles deixou de o lastimar.

Um pensamento unanime tiveram então.

Vingar no frade delactor o infortunio dos seus pobres companheiros.

N'essa mesma tarde uns recoveiros que o *Trovão* protegia na estrada contaram-lhe o que andava na bocca de toda a gente, ao que elles rotrocaram todos, jurando pela pelle ao frade.

— Olhe, voltaram os recoveiros. Esta manhã, acolá em baixo, ao pé d'aquellas oliveiras, estiveram elles juntos, o capellão do general e o frade, e lá se foram para a cidade, ambos.

Não era preciso mais.

Aquelles quatro homens, por igual resolutos, consultaram-se n'um olhar que traduzia o mesmo pensamento.

Vamos á cidade!

Era nm grande arrojo!

Poucas horas depois achavam-se nas proximidades da casa do governador das armas da provincia.

Assim como o *Frade* tomára por disfarce um habito de clerigo pobre, elles adoptaram os andrajos e aleijões do mendigo.

A pobre e a frade não ha porta que se feche.

Elles fiaram-se n'isto.

Foram pedir agasalho ao caseiro da quinta do proprio governador, e dispunham-se a passarem essa noite ali mesmo na arribana do gado, ou no palheiro.

Depois lançariam fogo á casa e achariam occasião de ajustar contas com o amigo do capellão, se elle não tivesse a fortuna de lhes escapar.

Mas o caso é que a esse tempo já elle se lhes tinha escapado e tiveram por isso de adiar o projecto.

Havia ido receber o preço da sua delação, e tinha saido pouco depois, levando comsigo a tentadora quantia cuja cifra era o preço da cabeça d'elles todos.

grave, serio, compassado, vapor portuguez que não está para se cançar, e emquanto o preconisado ar puro da madrugada entrava ás lufadas pelo vagon dentro, já muito avariado pelo calor do sol que torrava lá fóra...

Depois de nos termos entregado ao pungir do remorso coisa de hora e meia, o tempo sufficiente que a todo o arrependimento se deve um criminoso bem educado, entregamo-nos a outra coisa mais pungitiva ainda — a massada d'uma viagem de dia em comboios ordinarios.

Estes ordinarios podem applicar-se aqui em todas as suas variadas accepções, menos aquella que se refere ao rapé, porque a pessoa que escreve estas linhas nunca cheirou.

Todas aquellas carruagens engatadas umas ás outras a andarem n'uma velocidade muito vagarosa, parando demoradamente em todas as estações onde o *viajor sedento* raras vezes encontra, mesmo a peso de cobre, um pobre copinho d'agua morna, salobra, toda cheia de lixo phantastico e de microbios doentios, fazem pensar com saudade invejosa nos bons tempos das diligencias, e nos *char-à-bancs* de Oeiras e de Caneças.

E a gente vae alli encaixotada, horas sem fim, asphyxiada pelo calor tropical que escorre do sol de junho, e sem se poder apeiar um momento a repousar-se do eterno *caminha* que lhe gritava os Jehovahs de Santa Apolonia, porque o comboio, que se demora sempre muito em todas as estações quando a gente se não apeia, em a gente se apeiando não se demora inteiramente nada.

Por todas estas rasões o viajante tem d'ir munido do competente farnel e de levar comsigo uma bilha d'agua, se vae só; um Alviella, se vae acompanhado de creanças.

Os homens da agua, são raros nas estações, e esses raros que apparecem são disputados com uma ancia, se diria, como se em vez d'um copo d'agua, se tratasse d'um logar de amanuense.

Fazendo todas estas reflexões, e praticando toda a casta de suborno e de patifaria para obter uma bilha d'agua por essas estações acima, chegámos á estação do Entroncamento.

Ahi sim, a demora foi grande; infelizmente, porque já não tinhamos vontade de comer e só o que tinhamos era vontade de chegar a Thomar.

Finalmente, como tudo passa n'este mundo, passaram-se os vinte minutos d'espera do Entroncamento e d'alli a coisa d'um quarto d'hora chegavamos á antiga estação de Payalvo, agora tão abreviada por Thomar que até lhe tirou o seu velho nome, e apeavamo-nos a correr.

A estação é pobre e modestissima.

A porta, — do outro lado — estacionavam tres *char-à-bancs* medonhos, crêmos que ainda da epocha dos templarios, e onde uns conductores mal vestidos accommodavam os passageiros com o mesmo carinho com que em Nantes se accommodam sardinhas em latas. Com menos ainda, porque os fabricantes das conservas fazem certo capricho em que as suas sardinhas fiquem bem acariciadinhas e os homens do *char-à-bancs* importavam-se pouco com isso.

Graças a Deus, e a um barbeiro da travessa da Victoria nós tinhamos mandado prevenir o Prista, o dono do melhor hotel de Thomar, para que enviasse á estação umas carruagens.

Essas carruagens são boas, commodas, tem bom gado e fazem excellente serviço.

A estrada da estação de Payalvo á de Thomar é uma bella estrada real, cheia de excellentes pontos de vista, mas parece que não tem fim.

É comprida como o demonio, o caminho da estação á cidade, e ao cabo de boa meia hora de andar a bom andar, chegámos á cidade.

Uma longa avenida, toda com boas casas d'um lado e d'outro, orlada de arvores e ao fim d'ella encontra-se pela primeira vez o celebre Nabão.

Volta-se, a rua da Corredoura a principal rua da cidade fica á nossa esquerda e em frente o Nabão segue por alli acima muito tranquillo, por entre as suas poeticas margens, offerecendo logo o primeiro panorama pittoresco ao *touriste* que chega a Thomar.

É esse panorama que representa a gravura do numero anterior do OCCIDENTE.

A que damos hoje é a parte principal da vista panoramica da cidade, tirada do alto do castello de Christo.

Lá chegaremos devagar, como os caminhos de ferro nos levaram a Thomar.

Os maus exemplos, seguem-se.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

Quinto centenario da batalha de Aljubarrota

UMA PAGINA DA HISTORIA DE PORTUGAL

(Continuado do n.º 243)

A vanguarda castelhana, desdobrada n'uma extensa linha e reforçada pelos peões e bésteiros, avançava ameaçando englobar nos seus immensos braços a estreita linha portugueza. Mas avançava sem muita ordem e um pouco tumultuosa. Reparando que o exercito portuguez combatia a pé, o que não esperavam, foram, mesmo em marcha, decepando os coutos das lanças para as fazerem mais curtas e mais facilmente manejaveis. Esta operação, a falta de commando, os obstaculos de terreno que existiam incontestavelmente maiores ou menores, foram pouco a pouco diminuindo a frente. Os flancos dobravam á rectaguarda, e a linha prolongando-se até ao corpo de reserva formou com ella uma profunda columna. Perdiam assim a esperança d'envolver completamente o exercito portuguez, mas em compensação tinham a certeza de o romper com o embate formidavel d'esse immenso ariete humano, formado por vinte e tantos mil homens, entre cavalleiros e peões, que vieram bater com impeto irresistivel na estreita linha formada pelas seiscentas lanças de Nuno Alvares desamparadas de reforço. O choque foi terrivel. Os Portuguezes de Nuno Alvares combatiam como leões, a flôr da nobreza castelhana e portugueza com el-rei de Castella bandeada pelejava bravamente. Resoavam d'um lado os gritos *S. Jorge e Portugal, Castella e Santhiago* do outro. Os

---

Informaram-se do caminho que elle seguira, e, montando a cavallo, foram-lhe no encalço.

Não descançaram em todo o dia, mas o frade havia desapparecido como se o chão se houvesse aberto com elle.

Ao cair da tarde internaram-se no pinhal, dispostos a passarem ahi a noite.

Amarraram o gado aos sobreiros gigantescos, na parte mais sombria e apropriada á intenção em que estavam.

N'isto o *Mata-Judeus* enxergou ao longe um vulto e fez signal aos demais.

Pozeram-se todos álerta.

Momentos depois um d'elles gritou:

— É o frade, ó rapazes.

Uma alegria selvagem se communicou por igual entre elles.

Á proporção que se aproximava, mais se iam confirmando que era o mesmo que elles procuravam.

O *Trovão* tinha disposto tudo para o assalto. Estava cada qual no seu posto, prompto á primeira voz.

Deviam cair sobre elle e obrigal-o a declarar como soubera do esconderijo dos caçadores da gruta.

Essa confissão não podia deixar de lhes interessar sobremaneira, dando-lhes a explicação dos acontecimentos que acabavam de surprehendel-os.

Mas o *Mata-Judeus* não podia conter-se.

Lá para elle, ladrão e assassino eram synonimos, significavam uma e a mesma cousa.

Mal viu o frade ao alcance do seu trabuco fez fogo sobre o misero e estendeu-o a poucos passos no meio do pinhal.

O *Trovão* insurgiu-se indignado contra elle.

Não havia, porém, tempo a perder.

Correram ao sitio em que o frade caira. Podia não ser mortal a ferida e haver ainda tempo de lhe arrancar a confissão desejada.

Tudo foram esforços inuteis, diligencias frustradas.

O ferimento havia sido mortal, e a morte havia sido instantanea!

A diabolica pericia do *Mata-Judeus,* manifestara-se, mau grado d'elles, ainda mais uma vez.

Passaram em seguida a revistar-lhe os alforges, caindo todos quatro ao mesmo tempo sobre aquelle cadaver, como abutres attrahidos pelo cheiro de carne morta.

Mas d'esta vez soffreram o maior dos desenganos.

Por mais que vasculhassem o frade, nem que o voltassem da cabeça para os pés, deitava a mais miseravel das moedas de cobre!

Trazia outrosim livrinhos, orações, contas e reliquias, mas tudo isso, que para elle valia muito, com que regalar a fragil carne em louvor da santa religião, nas mãos d'aquelles quatro salteadores de estrada não valia nada.

Já se viu maior logro?!

Então começaram todos a revoltar-se contra o *Mata-Judeus.*

Ouviu-se porém do outro lado da serra, o relinchar longiquo de animal que vinha em jornada.

— Attenção, diabos, attenção, bradou o *Trovão,* impondo toda a sua auctoridade, como se faz nos grandes momentos solemnes.

— Que estás tu para ahi a dizer?! rosmoneou um d'elles, de uma maneira insoburdinada e cheia de altivez.

— Eh! com tresentos milhões de raios, deixem ao menos falar a gente! protestou um outro. Nós não somos homens que arrisquemos a vida como cordeiros!

O *Trovão* havia-se lançado por terra, e, estendendo o pescoço, collára o ouvido no solo humedecido pelo orvalho da noite, que desdobrava sobre as montanhas, n'uma extensão infinita, o seu negro manto recamado de pesadas sombras vaporosas.

— Calem-se para ahi.

E praguejando, dizia com os murros cerrados:

— São como as mulheres, só prestam para falar.

N'isto ergueu-se de subito e voltando-se para elles, que se lhe haviam acercado, como presentindo novidade de interesse, disse-lhes:

— Vem ahi gente, silencio!

Aquelles quatro homens, animados da mesma idéa, immudeceram a um tempo, ficando n'uma attitude de prevenção, immoveis, de olhar firme, cheio de grande vivacidade e ouvido á escuta, de uma maneira prescrutadora, cheia de confiança e firmeza.

Momentos depois confirmaram todos em grande alegria:

— Vem gente, vem gente!

Estavam n'uma anciedade que não se descreve,

— Agora vê lá o que fazes, prevenia o *Trovão,* dirigindo-se ao *Mata-Judeus.*

— Não tem duvida.

— Passa-se uma corda de pinheiro a pinheiro. O escuro da noite favorece-nos. Quem quer que é ha de ir esbarrar de encontro a ella, e muito bom cavalleiro será se conseguir aguentar-se no balanço.

Outro lembrou que se pozesse o corpo do frade a meio do atalho, e, acceites estes alvitres, cada um foi pôr-se no seu posto.

Não esperaram muito; o cavalleiro approximou-se do laço que lhe haviam armado e tudo succedeu como se calculara.

O que elles, porem, não tinham supposto, nem esperavam, era que esse cavalleiro fosse o verdadeiro frade cuja passagem aguardavam com tanto interesse e, mais ainda, que esse frade fosse effectivamente o seu astucioso companheiro.

Esta surpreza produziu nos tres scelerados um assombro verdadeiramente respeitoso.

Só no *Mata Judeus* despertou pensamentos de rancor e de vingança.

A sua primeira idéa, pode dizer-se que a unica idéa que não lhe falhava nunca, foi a de o matar.

A redempção do frade foi aquella espontaneidade generosa com que logo franqueou a todos a sua bolsa, cujo recheio precioso apagou na sua alma todos os passados resentimentos.

Foi o que lhe valeu.

O *Frade,* logo que terminou a narrativa do *Trovão,* fez relatorio das suas aventuras, desde que saira da caverna até áquelle momento.

Quando concluiu tinha-os completamente fanatisado a todos.

Depois, como para fechar com verdadeira chave de ouro o seu discurso, convidou-os a acceitarem a sua parte na divisão que lhes trazia, dispensando o que lhe pertencesse, com uma condição que logo declarou e a ninguem prejudicava.

Essa condição consistia apenas em lhe ser entregue o espolio do frade, que por sua felicidade o havia precedido, tomando a receita que lhe estava reservada.

Não houve a menor objecção.

O espolio consistia n'uma pequena carteira de apontamentos sem valor e nas reliquias e bentinhos que constituiam os artigos do seu commercio piedoso.

— Para que presta isso? perguntaram alguns d'elles, vendo o interesse com que o *Frade* examinava cada um d'esses objectos.

O *Trovão* ainda lhe observou:

— Vê lá o que fazes, homem?!

Elle encolheu os hombros e disse:

— Respondam-me vocês por este cadaver, que por mim respondo eu.

Na verdade aquella coincidencia dos dois frades era para elle, nas circumstancias em que se encontrava, uma excellente carta perdida do baralho, que a providencia lhe trazia ás mãos.

Leite Bastos

Castelhanos combatiam com uma furia céga, mas accumulavam imprudencias sobre imprudencias. Pensando que as lanças, mesmo encurtadas, de pouco lhes serviam, lançaram-n'as fóra e deitaram mão ás achas d'armas e aos estoques. Assim ficou diante das alas um monte de lanças partidas, que, impecendo o terreno, tornou mais difficil a manobra d'esse formidavel exercito. Mas, por mais imprudencias que se fizessem, um corpo de vinte e tantos mil homens formados em columna com trezentos homens de frente rompe forçosamente uma hoste de seiscentos homens, formados simplesmente em duas fileiras. Foi o que succedeu: depois d'um renhido combate, os Castelhanos irromperam dilacerando a linha inimiga, n'uma torrente irresistivel. Sem trepidarem, as duas alas portuguezas convergiram sobre o centro. Não era necessaria a celebre certeza de tiro dos archeiros inglezes para empregar bem os virotes n'aquella massa confusa. A ala dos namorados precipitava-se com um enthusiasmo que tocava as raias da loucura, e abrindo uma larga brécha na columna castelhana, lá ficava quasi toda sovertida n'essas ondas tumultuosas d'um verdadeiro mar de soldados. A batalha parecia perdida para os portuguezes, quando á voz do seu brioso monarcha, a rectaguarda, a flôr do exercito, as setecentas lanças da reserva cahiram como um furacão sobre o inimigo. O rei fazia prodigios de valor, que Froissart refere (1). Cada um dos seus homens combatia como desesperado, o condestavel trazia de novo á carga a sua hoste rota, a ala dos namorados, mutilada mas briosa sempre, voltava a derramar as ultimas gotas do seu generoso sangue; os archeiros inglezes, imperturbaveis e fleugmaticos, não perdiam virote, e o seu tiro rapido e certeiro crivava d'uma nuvem de settas a columna inimiga. Esta, depois da primeira victoria, hesitava e recuava. A sua immensa extensão, que déra impeto e vigor ao ataque, paralysava agora para a defeza a rectaguarda toda, que ficava a grande distancia do ponto em que se travára a peleja, e em que o pequeno exercito portuguez concentrava os seus esforços.

E o que faziam entretanto os sete mil homens das duas alas, e os dois mil ginetes de cavallaria ligeira? As alas, sem receberem ordens, impedidas pelos obstaculos do terreno, pelos montes de lanças partidas que obstruiam o solo, ficavam n'uma inacção absoluta. Quasi nem tinham chefes. Muitos dos fidalgos que as dirigiam tinham-se ido lançar isoladamente onde a peleja estava mais accesa. Os ginetes obstinavam-se em atacar as bagagens, e eram repellidos pelos bésteiros, que as defendiam sem arredarem pé. Não tinha aquella massa de tropas uma direcção, um commando que utilisasse a sua bravura e o seu numero.

(Continúa) *A.*

(1) «O rei fez prodigios de valor, e derribou tres ou quatro dos principaes adversarios, de forma que todos o temeram.» Froissart, liv. III, cap. 21, na *Collecção das chronicas francezas*, por A. Buchon, t. IX, pag. 419.

RESENHA NOTICIOSA

Telegrapho submarino para a Africa. Partiu de Inglaterra para Cabo Verde e Guiné o vapor *Silvertown*, da companhia India Rubber, de Londres, levando cerca de 1:400 milhas maritimas de cabo telegraphico submarino destinado a estabelecer a rêde telegraphica entre aquellas colonias portuguezas e as colonias francezas do Senegal com a Europa. Em breve tempo poderá funccionar esta rede telegraphica, que porá em communicação a Africa com a Europa. Acompanha o *Silvertown* o vapor *Buccaner*, que de Bolama irá a S. Thomé e Principe e costa da nossa provincia de Angola, fazer os estudos para a collocação das segundas e terceiras secções da rede telegraphica submarina das colonias portuguezas na Africa Occidental.

Carolina Nilson. A celebre cantora d'este nome, uma das mais notaveis d'este seculo, saiu da sua patria (Suecia) aos doze ou quatorze annos para cultivar a voz extraordinaria de que a natureza a dotara. De triumpho em triumpho ha cerca de trinta annos percorre os diversos theatros do mundo, sem jámais ter voltado á sua terra natal. Rica e coberta de gloria deliberou-se emfim, e ha poucot empo, a regressar ao seu paiz, e ir tornar a ver os sitios da sua infancia. Soffreria de certo innumeras decepções e angustias, tal como succede áquelles que durante muitos annos deixam de ir a uma localidade, se a recepção triumphal que por toda a parte a tem acolhido lhe desse lugar para analysar meudamente uma a uma as suas recordações da infancia. Não ha conquistador, imperador, rei nem soberano algum que seja ou tenha sido festejado como esta filha d'aquelle sympathico povo. Não foram os convites, as incitações superiores que moveram os espiritos nacionaes, foi a nação toda desde o mais alto, até o mais infimo, que, como que abalada por um choque electrico, apenas constou a sua chegada correu toda a saudal-a, e nas estações, nos hoteis, nas praças, nas ruas em multidões compactas de milhares de pessoas se apinhavam para ver e saudar o *rouxinol* da Suecia. E em toda a parte a espirituosa cantora agradecia as saudações do seu bom povo, entoando-lhe algumas arias ou canções populares com a sua maviosissima vez, o que lhe valia applausos phreneticos. Todas as classes da sociedade foram representadas na sua recepção, e as festas tem-se contado pelos dias, e todas as povoações quizeram ver e saudar a grande cantora. Mas como diz Béranger

De tout laurier un poison est l'essence

assim, depois de um passeio triumphal todos esses risos e regosijos foram envenenados por uma grande desgraça. Para os tres concertos que ella promettera, os lugares eram logo tomados, embora houvessem triplicado o preço d'elles; e todos os dias immensa multidão de povo vinha aglomerar-se na praça, em frente do hotel, rogando-lhe cantasse. Apesar de fatigada accedeu na primeira noite; o delirio popular foi immenso, e ella prometteu satisfazer a esses desejos na terceira noite. Desde muito cedo o povo em numero superior a vinte e cinco mil pessoas occupára a praça. Ás dez horas appareceu Nilson á varanda, salves e hurrahs a acolheram; cantou, e os applausos phreneticos não conheceram limites, quando a cantora terminou entoando duas canções populares com a sua voz maravilhosa. Acalmada a efervescencia popular, agradeceu e rogou ao povo se retirasse. Assim se fez, mas em vez de sairem pelas diversas ruas, todos se dirigiram para a mesma saida, e alguns homens alcoolisados entraram aos empurrões de modo que muitas mulheres foram abafadas, outras espalmadas contra a cortina do caes e outra gente precipitada na agua. Aos gritos da multidão acudiram as auctoridades, que puderam recolher as victimas que o sr. Cadler, proprietario do *Grande Hotel*, recolheu em sua casa, fazendo-as tratar cuidadosamente por medicos chamados por telephonio. A policia tambem recolheu os mortos e feridos, e não bastando para isso a estação, serviram-se de uma egreja proxima. Contavam-se desoito mortos e mais de setenta feridos, dos quaes nove tiveram que ser recolhidos urgentemente nos hospitaes, e o resto levados a suas casas para tratamento. Imagine-se a consternação da cidade e o desespero de Carolina Nilson, que logo resolveu dar um concerto na terça feira immediata para soccorro das victimas e suas familias. No dia seguinte estavam os bilhetes todos tomados. Finalmente o rei e a familia real deram um banquete de gala em honra da sua celebre compatriota, entregando-lhe por essa occasião as insignias da ordem da *Cruz da Noruega*.

Manuel de Jesus Coelho — Fallecido em 25 de setembro de 1885
(Segundo uma photographia de Gomes)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Tratado das alfandegas em Portugal... *por Francisco de Lencastre.* Publicou-se o 2.º fasciculo da 1.ª parte. N'este continua-se a materia antecedente, concluindo-se o importante documento que no primeiro se começou a reproduzir, publicam-se e analysam-se outros de não menor importancia e curiosidade.

Elementos para a historia do municipio de Lisboa, por Eduardo Freire de Oliveira. Sahiu a folha 4, do segundo volume, continua-se no texto a materia anterior, publicando-se pela maior parte na integra, varias cartas de Filippe I, conclue-se em nota o importante e curioso regimento de 12 de setembro de 1418 sobre as correições que os corregedores deviam fazer, e ainda se dão tambem em notas outros documentos e noticias de muita importancia e curiosidade.

Almanach Illustrado, Litterario e Charadistico, para 1886, por J. D. Rodão Tavares, Estremoz. É o segundo anno de publicação d'este almanach, que, a par de uma grande variedade de artigos litterarios e de charadas, é illustrado com alguns retratos de poetas portuguezes. A boa acceitação que teve no primeiro anno, é de esperar que se repita no segundo, animando o seu auctor a proseguir na publicação.

O Cadastro da Policia, por E. Vidal Valenciano e J. Roca y Roca, traducção de Cunha e Sá, Empreza Horas Romanticas, editora, Lisboa. Terceiro volume d'este romance, que é distribuido em fasciculos semanaes.

Africa Occidental, *album photographico e descriptivo,* por J. A. da Cunha Moraes, etc. David Corazzi, editor, Lisboa. Fasciculo n.º 6. Já aqui nos referimos a esta publicação com o louvor que merece tudo quanto seja tornar conhecido o paiz africano, que tanto está despertando as attenções por toda a parte.

A Imprensa, *revista scientifica, litteraria e artistica,* director litterario Affonso Vargas. N.º 1, com differentes artigos sobre typographia, incluindo uma biographia de Guttemberg, com uma gravura representando uma estatua do biographado.

O Industrial Portuguez, *revista mensal illustrada para Portugal e Brazil,* proprietarios e directores Carlos A. dos Santos Affonso e Augusto C. C. Moraes. Porto. N.º 10, de 1 do corrente. Este periodico continua na sua louvavel tarefa de instrucção industrial, merecendo ser lido com attenção pelas classes industriaes, que com elle muito teem a aproveitar.

O Elegante, *jornal de modas para homens,* etc. David Corazzi, editor, Lisboa. N.º 28 d'este periodico, muito util aos alfaiates e costureiras em especial. Publica figurinos e moldes com as respectivas explicações.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.